

AMIZADE E PENSAMENTO: UMA HOMENAGEM A LEONOR ARFUCH¹

DOI: 10.47677/gluks.v24i1.459

Recebido: 20/06/2024

Aprovado: 20/06/2024

ALBERIONE, Eva²

RESUMO: Em um artigo marcado pelo afeto, Eva Alberione reflete sobre o legado e o impacto da obra de Leonor Arfuch, sua professora, orientadora e amiga, até o falecimento da intelectual em outubro de 2021. Seguindo o exemplo de sua mestra, a autora revisita aspectos teóricos e (auto)biográficos, entrelaçando momentos compartilhados entre ambas e a obra de Arfuch, promovendo o espaço biográfico que esta tão lucidamente soube descrever. No texto, percebem-se as inquietações e os interesses intelectuais de Leonor, bem como seu fazer cotidiano e seu modo singular de compreender a produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Leonor Arfuch, espaço biográfico, subjetividade, narrativas, memória.

Escrever, para mim, é uma maneira de entender
Clarice Lispector

O que é um legado, seja ele material ou imaterial, que alguém nos deixa, que é transmitido de uma geração a outra e que, de algum modo, marca nossas vidas? De que material sensível é feito? Talvez seja uma sucessão de memórias, de sensações, de afetos. O certo é que é difícil falar de um legado intelectual em solidão, já que, de alguma maneira, este é sempre compartilhado, ao menos pelos partícipes de uma relação. Por isso, para abordar o legado de Leonor Arfuch, talvez seja necessário convocar algumas recordações e acontecimentos – públicos e privados –, retomar suas inquietações e também suas palavras.

¹ O presente artigo é uma tradução do original, *Amistad y pensamiento. Homenaje a Leonor Arfuch*, publicado no volume 5, número 10, da Revista *Heterotopías*, em dezembro de 2022. Nesta versão, a autora incorporou algumas notas de rodapé com o objetivo de facilitar a compreensão de um público mais amplo, como o brasileiro. O texto original, em espanhol, pode ser consultado no *link*: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/heterotopias/article/view/39744>. Tradutores: Douglas Ribeiro de Moura e Raquel Abreu-Aoki.

² *Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, Doctorado en Ciencias Sociales.*

Antes de mais nada, e por mais que pareça óbvio, é importante lembrar que o legado de Leonor consiste em tudo aquilo que ela deixou para nós, que lemos seus textos, estivemos em suas aulas e conferências ou conversamos diretamente com ela; aquela pergunta que nos comoveu, uma frase que ficou gravada em nossa memória, um texto ou um autor que ela nos apresentou, a inquietação metodológica que ela promoveu, além, claro, do desejo de escrever teorias de um modo poético ou a insistência no ensaio como forma de desenvolver o pensamento.

Sua trajetória teve inúmeros momentos, mas é possível encontrar nela certas continuidades, objetos e temas que se desenvolveram ao longo dos anos: da análise da atuação das mídias argentinas durante o Juízo às Juntas Militares³, passando pelo entendimento da entrevista como dispositivo, e chegando à conceituação do que é o espaço biográfico. Essas inquietações deram lugar, em seguida, às reflexões em torno do sentido da intervenção crítica e à sua posterior preocupação com as memórias e as narrativas do passado recente, explorando sempre os limites, os territórios fronteiriços, os umbrais – para usar um termo que ela amava. Por fim, Leonor se dedicou às múltiplas formas com que uma vida pode ser narrada, tema que ela expôs em seu último livro, *La vida narrada. Memoria, subjetividad y política*, apresentado em 2018

É possível recuperar também algumas insistências: seu interesse pelas variadas formas que o biográfico assume nas sociedades atuais e pelas subjetividades que são ali expostas; o peso significativo dos afetos; os elementos teóricos que a teoria das narrativas oferece para as análises; a importância das memórias – no plural, sempre no plural; a profunda imbricação entre tempo, espaço e afeto; a consciência de seu papel como intelectual crítica; e a responsabilidade ética e política que, para Leonor, subjaz toda e qualquer análise. Além disso, destaca-se a aposta na arte e em seu poder tradutor e transformador do traumático, bem como as tramas afetivas e as narrativas produzidas por mulheres.

No entanto, podemos escrever hoje sobre a produção intelectual de Leonor sem nos deter em sua própria biografia, em seus traços pessoais, suas pequenas obsessões, em seu método cotidiano de trabalho? Conseguiremos fazer isso com a delicadeza barthesiana com que ela o faria? Pergunto-me se este texto é factível sem minhas próprias impressões, sem minhas

³ Referimo-nos a uma pesquisa pioneira, na qual Arfuch analisou os modos com que os principais meios gráficos (impressos e visuais) argentinos cobriram o processo judicial contra os integrantes das antigas Juntas Militares pelas massivas violações aos direitos humanos ocorridos na última ditadura cívico-militar daquele país, ocorrida entre os anos de 1976 e 1983.

memórias "com" e "sobre" ela, sem cair na "tentação biográfica", nessa fascinação por "caminhar sobre os passos de um outro" (Arfuch, 2018, p. 10, *tradução nossa*) à qual ela se referiu tantas vezes. Qual seria o sentido desse deslize biográfico? O que ele acrescentaria que já não esteja presente em seus textos? Talvez ele permita apenas descobrir esse entrecruzamento entre vida e obra sobre o qual ela tanto gostava de falar. Só resta, então, lançar-me nessa aventura, transitar esses territórios e limites difusos que Leonor manejava com sutileza e maestria.

Uma casa com uma campainha e uma placa

Conheci Leonor em março de 2016. Antes, havíamos trocado alguns *e-mails* e ela havia me convidado para conversarmos em sua casa, um antigo casarão restaurado e com um lindo pátio cheio de plantas. Lembro-me que, nessa primeira visita, duas coisas me surpreenderam. Em primeiro lugar, que Leonor me convidasse até ali, que nossa primeira reunião, na qual nos conheceríamos antes mesmo de ela aceitar orientar meu trabalho, acontecesse em um território tão íntimo. No entanto, eu logo entenderia que sua casa era um espaço privado e ao mesmo tempo público, onde grande parte de sua vida e de sua produção intelectual tinham lugar: as trocas com amigos e colegas, os períodos de leitura e escrita, os afetos, o atento acompanhamento da atualidade, o contato com os objetos que ela tanto amava.

Ao chegar, surpreendeu-me também uma pequena placa de acrílico com uma inscrição, colocada na porta de entrada junto à caixa de correio. Nela, um pedido: caso algum livro ou revista fosse entregue ali, que fosse em mãos. Compreendi, naquele momento, o cuidado e o carinho com que ela recebia qualquer envio, como tratava como verdadeiros tesouros aqueles exemplares que ela logo consumia tão vorazmente, e quão rigorosa e detalhista ela era com essa tarefa. Era quase uma metáfora do rigor, do detalhe e do amor com os quais realizava suas análises.

Se fosse preciso realizar um rápido inventário, eu diria que na casa de Leonor havia, além daquela placa de acrílico na fachada: a) revistas e muitos livros – teóricos, de entrevistas, de artes visuais, de poesia e romances, muitos romances – distribuídos cuidadosamente nas bibliotecas e sobre cada mesa da espaçosa sala de estar; b) um jardim verde com muitas plantas e um gramado macio do qual ela se orgulhava; c) uma grande variedade de cafés e de chás trazidos de várias viagens – próprias ou de amigos, que sabiam o quanto ela valorizava esses pequenos mimos; d) um gato preto, de nome Zulu, rebelde e curioso como sua dona; e)

medialunas – sempre havia *medialunas* – que Leonor aquecia para suas visitas em uma torradeira, de forma que estivessem sempre crocantes.

Alguém poderia perguntar o que tudo isto tem a ver com o legado teórico de Leonor ou com seu modo particular de construir conhecimento. Acontece que, para entendê-la, é preciso entrar um pouco em seu mundo. Um mundo no qual a amizade – o diálogo amistoso, cujo epicentro era sua própria casa – era um modo cotidiano de exercitar o pensamento. Nesse sentido, ela se considerava “profundamente bakhtiniana”, já que seu modo de produzir era sempre a partir do intercâmbio com os demais, a quem selecionava cuidadosamente para conversar e saber de suas opiniões sobre isto ou aquilo. Não havia, para ela, papéis fixos ou hierarquias; ela estabelecia relações de igualdade, com as quais discutia animosamente sobre os vários temas que a interessavam naquele momento: um livro, uma mostra de arte, uma foto, uma notícia, um personagem, alguma coisa que estava em destaque na *internet* ou em algum programa de televisão, um acontecimento familiar, uma memória repentina ou algo que a havia inspirado.

Leonor acreditava na importância de dedicar tempo às conversas com os amigos. Ela falava muito por telefone e estava sempre atenta a uns e a outros. Entre seus amigos estavam intelectuais e artistas de diversos campos, como Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, Nelly Richard, Judith Butler, Pablo Oyarzun, Nury González, Lorena Amato, Michael Lazzara, Doreen Massey, Règine Robin, Ana Amato, Héctor Schmucler, Diego Tatián, Roxana Patiño, Nicolás Casullo, Carolina Mera, Mariana Wikinski, María Stegmayer, Inés Dussel, Nora Goldman, Sara Cohen, Gisela Catanzaro e tantos outros.

Muitas dessas trocas podem ser encontradas nas notas de rodapé de seus livros e artigos, porque sempre que Leonor consultava alguém ou recebia uma contribuição que lhe parecia importante, ela generosamente mencionava seu interlocutor. Essas pequenas marcas de afeto – produtos de suas conversas com poetas, historiadores, psicanalistas, artistas, críticas e críticos literários e de arte, gestores culturais ou membros de seus grupos de estudo – permaneciam em seus textos como testemunhos do complexo emaranhado que constituía seu mundo.

No momento das conversas, Leonor era curiosa, pois adorava perguntar – sabia muito bem como fazê-lo – e escutava com atenção, como quem coleciona casos e detalhes. Alguns apareciam depois em suas amadas notas de rodapé. Também apreciava cuidar de seus convidados e adorava sair para comer. A combinação de amigos, comida e conversa era um de seus planos preferidos.

A arte da escuta

Essa capacidade de escuta, que Leonor tanto exercitava, talvez tenha sido a origem de um de seus primeiros livros, *La entrevista, una invención dialógica*, publicado em 1995 com prólogo de Beatriz Sarlo⁴ e reeditado em versão ampliada no ano de 2010. Nele, Arfuch destacava a centralidade deste gênero para a comunicação contemporânea e a pesquisa social. Por meio de uma análise detalhada e rigorosa de uma grande quantidade de entrevistas de variados tipos, o texto demonstrava como esse gênero discursivo, semelhante à conversa cotidiana, mas sujeito a estritas normas sociais, excedia a atividade jornalística para transformar-se em uma espécie de “gênero estrela”, que adquiria centralidade e relevância na vida pública daqueles anos – dos âmbitos laborais aos terapêuticos, passando pela divulgação científica, a pesquisa e as artes.

Leonor então se detinha tanto nas dimensões formais quanto nos usos sociais da entrevista para esboçar um panorama da época. Ela apontava também os paradoxos de sua própria construção, indicando que esse diálogo, que cotidianamente se apresentava como “o acesso mais imediato a uma palavra autêntica, testemunhal, autorizada”, construía sua própria credibilidade “com procedimentos próprios dos gêneros ficcionais, literários ou midiáticos (...)”, e que sua “objetividade” podia “derivar curiosamente da encenação, às vezes exacerbada, da subjetividade” (Arfuch, 2010, p. 20, *tradução nossa*)⁵.

Onde outros enxergavam apenas uma técnica de aplicação quase mecânica, Leonor vislumbrava um domínio privilegiado, por meio do qual era possível observar a reconfiguração do público e do privado, assim como a espetacularização da política argentina a meados dos anos 1990. Dessa maneira, a crescente centralidade da entrevista possibilitava uma espécie de “efeito de proximidade”, uma certa relação de aproximação com as “figuras públicas” – em particular com os políticos, mas também com artistas, intelectuais, esportistas e um amplo *et cetera*. Interessava-lhe, portanto, como se apresentavam ali o íntimo, o privado e o público, as inflexões da afetividade e as transformações sociais e culturais que as possibilitavam.

Todavia, Leonor também enxergava na entrevista a possibilidade de um outro tipo de diálogo, um que envolvesse uma “implicação existencial mútua” dos sujeitos envolvidos

⁴ Reconhecida escritora, ensaísta e crítica literária e cultural argentina.

⁵ No original: “el acceso más inmediato a una palabra auténtica, testimonial, autorizada (...) con procedimientos propios de los géneros de ficción, literarios o mediáticos (...) derivar cuidadosamente de la puesta en escena, a veces exacerbada de la subjetividad” (Arfuch, 2010, p. 20).

(Sarasa, 2012, p. 189, *tradução nossa*)⁶. Um jogo intersubjetivo no qual houvesse espaço para a voz dos/as outro/as e que contemplasse a multiplicidade e a diferença. Para ela:

(...) Nesta potencialidade reside talvez a especificidade da entrevista, sua velha qualidade socrática de ajudar a trazer à luz, de colocar em palavras e dar sentido a experiências, saberes, vivências, sofrimentos... uma qualidade que contribui para o conhecimento e, mais especificamente, para a *comunicação*, não no imaginário da mesmice, do significado que chega sem falhas de um falante a outro (...), mas na possibilidade de compreender a partir da diferença irreduzível com o outro. Que é, aliás, uma das maneiras de entender a relação ética (Arfuch, 2010, p. 151, *tradução nossa*)⁷.

A tentação do biográfico

Algumas características peculiares podem nos ajudar a entender um pouco mais os detalhes do trabalho de Leonor, já que, em seu modo de produzir, vida e obra convergiam. Sua produção sempre foi atravessada – mais ou menos explicitamente – pelas vicissitudes do biográfico e do autobiográfico. Seus trabalhos eram claramente afetados por acontecimentos que impactavam vidas alheias ou sua própria existência; suas próprias noções podem nos ajudar a analisar certas marcas.

Nesse sentido, *El espacio biográfico* (2010 [2002]), uma de suas obras principais, resulta ser um “horizonte de inteligibilidade” para pensar as formas de aparecimento e circulação do “eu” na cena contemporânea, assim como nas redes e nas novas formas de escrita e narrativa atravessadas pelo digital. Sua análise se concentra na crescente e insistente presença do “eu” a partir da proliferação de narrativas vivenciais em múltiplos formatos e gêneros – da biografia ou autobiografia ao *talk show*, da entrevista às formas híbridas que assume essa presença nos meios e no espaço público –, que são utilizadas para tratar tanto de vidas célebres quanto de cidadãos comuns. Formas sintomáticas que permitem delinear um clima de época que logo se verá exacerbado pelas redes sociais.

Leonor esclarece assim o que considera ser uma verdadeira reconfiguração da subjetividade contemporânea, interessando-se pela maneira como se constrói esse “eu”, e por

⁶ No original: “mutua implicación existencial” (Sarasa, 2012, p. 189).

⁷ No original: “(...) en esa potencialidad, radica quizás la especificidad de la entrevista, su vieja cualidad socrática de ayudar a dar luz, de poner en palabras y en sentido experiencias, saberes, vivencias, sufrimientos... una cualidad que hace al conocimiento y más profundamente a la *comunicación*, no en el imaginario de la mismidad, del significado que llega sin mella de un hablante a otro (...), sino en la posibilidad de comprender desde la diferencia irreductible con el otro. Que es por otra parte, una de las maneras de entender la relación ética” (Arfuch, 2010, p. 151)

como são modificadas as fronteiras entre o pessoal, o íntimo e o público. Ela postula, então, que “o biográfico se define justamente como um espaço intermediário, às vezes como mediação entre o público e o privado; e, outras, como incerteza” (Arfuch, 2010, p. 27, *tradução nossa*)⁸. Um espaço *entre*, um “singular habitado pela pluralidade”, no qual é revelada a profunda imbricação entre indivíduo e sociedade⁹. Da mesma forma, a autora destaca a riqueza que essa pluralidade de narrativas oferece para a afirmação de *outras* vozes, possibilitando novos sentidos para a democracia.

A análise dessas narrativas biográficas requer certas formas específicas de leituras e, nisto, Leonor exhibe seu método singular com maestria. Em suas palavras:

(...) mesmo quando ainda há uma certa “referencialidade” em jogo, enquanto adaptação aos acontecimentos de uma vida, *não é isto o que realmente importa* (...) não é tanto o “conteúdo” da narrativa em si – a coleção de eventos, momentos, atitudes –, mas, precisamente, as *estratégias* – ficcionais – de autorrepresentação (...). Não tanto a “verdade” do acontecido, mas sua construção narrativa, os modos de nomear(-se) no relato, o vaivém do vivido ou da memória, o ponto de vista, aquilo que é ocultado... em última análise, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de um *outro eu* (Arfuch, 2010, p. 60)¹⁰.

Por último, em *El espacio biográfico* é possível perceber novamente a influência da teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso e a consideração do *outro* como figura central de toda e qualquer interlocução. De Bakhtin, Arfuch ainda aproveita a ideia de *valor biográfico*, assim como a noção de *identidades narrativas* proposta por Ricoeur e a de *performatividade da linguagem*, de Benveniste. Com base nesse extenso conjunto de teorias, ela elabora um ensaio original, audacioso e marcante, que permite ainda questionar o presente.

⁸ No original: “(...) lo biográfico se define justamente como un espacio intermedio, a veces como mediación entre público y privado; y otras, como indecibilidad” (Arfuch, 2010, p. 27).

⁹ A esse respeito, Lorena Amato (2022) indica que Arfuch “foi uma das primeiras a questionar se a exposição da intimidade era a contraparte do fracasso das utopias sociais, sua banalização” (Amaro, 2022, p. 18). No original: “fue de las primeras en preguntarse si era la exhibición de la intimidad la contracara del fracaso de las utopías sociales, su banalización” (Amaro, 2022, p. 18).

¹⁰ No original: “(...) aún cuando esté en juego cierta ‘referencialidad’, en tanto adecuación a los acontecimientos de una vida, *no es eso lo que más importa*. (...) no es tanto el ‘contenido’ del relato por sí mismo –la colección de sucesos, momentos, actitudes– sino, precisamente, las *estrategias* –ficcionales– de *auto-representación* (...). No tanto la ‘verdad’ de lo ocurrido sino su construcción narrativa, los modos de nombrar(se) en el relato, el vaivén de la vivencia o el recuerdo, el punto de la mirada, lo dejado en la sombra... en definitiva, qué historia (cuál de ellas) cuenta alguien de sí mismo o de *otro yo*” (Arfuch, 2010, p. 60).

Leonor protagonista

Não há como avançar na análise da obra de Arfuch sem nos determos nas qualidades que fazem dela a protagonista deste artigo. Podemos começar dizendo que ela era bastante erudita e eclética em suas leituras, que estudava com satisfação e que estava sempre atenta a novos textos e autores. Um episódio a retrata por completo: Leonor contava que havia estudado as obras da escola francesa nos balcões da biblioteca da Aliança Francesa de Buenos Aires. Segundo ela, foram meses sentada ali, praticando o francês e lendo tudo o que encontrava, exercitando uma rigorosa autodisciplina que manteria por toda a sua vida.

Embora não parecesse, Leonor também era muito reservada. Elogios em excesso e grupos fechados não eram de seu agrado. Transdisciplinaridade não era para ela uma mera expressão, mas um modo próprio de ver o mundo, de tentar entendê-lo a partir de múltiplas abordagens e pontos de vista. Nisto, ela também era muito ávida. Estava sempre pedindo recomendações a amigos e conhecidos: de novos livros, de lugares para visitar, de autores, de obras e exposições, e sempre se debruçava sobre eles, gostasse ou não. Era como se seu universo estivesse sempre em expansão, porque ela também se entediava; e quando se sentia entediada, Leonor buscava novos desafios. Talvez seja isto o que dava a seus trabalhos a riqueza e a profundidade de quem havia percorrido muitos e tantos caminhos.

Como parte desse desejo expansivo, ela adorava viajar, conhecer novos lugares e pessoas. Tinha, para essa atividade, uma energia transbordante e avassaladora. Em cada local que chegava, encontrava-se com alguém que pudesse lhe mostrar lugares ocultos, contar histórias ou acompanhá-la a descobrir algo novo. Durante suas estadias, conduzia essas mesmas pessoas com empolgação e compartilhava longas horas de conversa. Por isso, sempre voltava de suas viagens feliz e renovada, com novas amizades de todas as idades.

Ao longo de sua carreira, Leonor recebeu numerosos financiamentos que a permitiram estudar e pesquisar no exterior, mas principalmente estabelecer diálogos oportunos com colegas para lidar com novas inquietações e interesses. Como resultado de sua estadia no Reino Unido, por exemplo, ela produziu o livro *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias* (2016 [2005]), no qual várias de suas trocas com intelectuais das mais variadas disciplinas – de filósofos, sociólogos e geógrafos até literatos e poetas – ganharam corpo em um texto que mapeia uma série de preocupações compartilhadas a respeito da contemporaneidade e das subjetividades. Em cada um dos ensaios, é possível perceber a mão magistral de Leonor organizando, costurando e conectando cada uma dessas contribuições para chegar a um olhar múltiplo e complexo, capaz de abrigar a todas sem impor um sentido único.

Como professora, posso dizer que Leonor era exigente, meticulosa e firme. Ela sempre nos impulsionava a ir além, a forçar os limites, a explorar zonas fronteiriças, a nos aproximar de novos umbrais, mas sem jamais impor suas ideias, apenas nos acompanhando e nos deixando no comando de nossas ações. Às vezes, era algo desconcertante. Leonor conversava, respondia perguntas, lia textos, sugeria autores, mas nunca indicava exatamente o que fazer ou o que pensar. Ela confiava que cada um de nós conseguiria chegar a conclusões de maneira própria. Era também muito generosa. Se ela oferecia sua amizade, assumia uma responsabilidade pessoal, preocupava-se de fato conosco. Era, ademais, uma brilhante oradora, que sabia transmitir o desejo de escrever e a preocupação em dar a cada texto o tom devido.

Um pensamento sensível e em movimento

Em suas obras, Leonor expunha uma posição não essencialista dos sujeitos, contemplando a possibilidade de deslocamentos, deslizamentos subjetivos e variações ao longo do tempo. Ela resistia seriamente a pensar as pessoas como fixas ou estanques. Seu olhar incisivo estava sempre alerta às pequenas mudanças, às trocas de posição, aos matizes, às ausências ou omissões, às metáforas e alegorias com as quais sutilmente se desenvolvem as subjetividades, especialmente aquelas que carregam marcas traumáticas consigo. Talvez por isto é que seu pensamento estava sempre em movimento, sensível ao afeto e à afetação. Um pensamento desafiador, que se deixava comover por uma pergunta, uma inquietação ou uma emoção.

O olhar de Leonor era lúcido e sagaz; ela tinha uma impressionante capacidade de observar as mudanças próprias a cada época. Enquanto na Argentina muitos de nós ainda estávamos atentos às produções de filhos e filhas de desaparecidos, presos ou exiliados, por exemplo, ela já vislumbrava os dilemas que precisaríamos enfrentar ao dar espaço também às futuras gerações de netos e bisnetos das vítimas do terrorismo de Estado. Ela era, como se vê, muito visionária. Intuitivamente detectava os sinais de mudança “no ar”, observava além do que estava visível e escrevia sobre isto, sempre escrevia. Era essa sua forma de pensar.

Em seu dia a dia, Leonor estava sempre muito atenta às notícias, tudo chamava sua atenção e preocupava-lhe bastante os desdobramentos da política e do país. Ela se abria ao presente, ao inesperado e se interessava por tudo o que fosse novo. Entretanto, também acreditava fervorosamente no valor das pausas: para pensar, para conversar, para argumentar, para escrever, para conversar por telefone. Ela era consciente de que o diálogo e a escuta

precisavam de tempo e que essa atitude era, em épocas de fugacidade e do *on-line*, profundamente subversiva.

Leonor acreditava firmemente em um dizer cuidadoso e no respeito dos silêncios, distanciando-se de qualquer indício de banalização ou de espetacularização. Seus textos são obras poéticas, sutis e rigorosas, que nunca ultrapassam os limites do pudor e nem se permitem regozijar com o sofrimento alheio. Ela também sabia que o campo da “indagação sensível”, com o qual trabalhava, exigia uma tarefa interpretativa – hermenêutica – particular, “onde o emocional, no profundo sentido da relação dialógica, é um fator determinante” (Sarasa, 2012, p. 190, *tradução nossa*)¹¹, e assumia uma responsabilidade ética. Nesse sentido, como indicam Ana Levstein e Soledad Boero (2018), Leonor apostava na construção de um *pensamento sensível* capaz de convocar, simultaneamente, o afetivo, o cognitivo, o discursivo e o argumentativo.

Um sem-fim das memórias

Outro dos eixos da produção de Leonor foi o das memórias. Em *Memoria y Autobiografía. Exploraciones en los límites* (2013), ela abordou uma série de narrativas de passados recentes atravessadas por marcas autorreferenciais ou autobiográficas¹². Ela considerava que estas eram a “marca peremptória de um passado aberto como uma ferida, com cuja urgência nos deparávamos (...) em vozes, imagens, polêmicas, materialidades, traços e gestos. Gritos e sussurros.” (Arfuch, 2013, p. 13, *tradução nossa*).

Sua preocupação era – uma vez mais – com o que havia de coletivo nessas marcas pessoais; em outras palavras, com a matriz política das manifestações subjetivas. Nesse sentido, ela se questionava:

Que distância há do “eu” ao “nós” ou, melhor, a um “tênue nós”, como gosta de dizer Judith Butler? Como se entrelaçam nessas narrativas o biográfico e o memorial? Que formas (diversas, mascaradas) adota ali o auto/biográfico? De que maneira a narrativa configura a experiência? E qual é a fronteira entre testemunho e ficção? (Arfuch, 2013, p. 14)¹³.

¹¹ No original: “(...) donde lo emocional, en el profundo sentido de la relación dialógica, es un factor determinante” (Sarasa, 2012, p. 190).

¹² Leonor elencava, como parte desta série de narrativas, produções tão variadas quanto testemunhos, cartas, memórias, biografias, relatos de vida, diários do cárcere, cadernos de notas, autoficções, recordações, agendas, fotos, entre outras.

¹³ No original: “¿qué distancia hay del yo al nosotros o, mejor, a un ‘tenué nosotros’, como gusta decir Judith Butler? ¿Cómo se entrelazan en esas narrativas lo biográfico y lo memorial? ¿Qué formas (diversas, enmascaradas) Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan./abr., 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, n° 1

Ela buscava, portanto, chaves interpretativas para analisar essas subjetividades situadas, marcadas por um passado traumático, tanto em termos estéticos quanto éticos e políticos, em uma tentativa “de abrigar com a palavra o desamparo”. Todavia, além desse interesse pelo coletivo, Leonor se debruçava também sobre a importância e a singularidade de cada narrativa. Sua posição a favor da multiplicidade, apontando a impossibilidade de isolamento das memórias, é inquietante e esclarecedora:

Cada relato transforma a vivência, concede-lhe outro matiz. Talvez, outro sentido. Cada relato marca também uma diferença no devir do mundo. Inscreve algo que não estava presente. Algo que nunca deixa de brotar. Por isso os fechamentos [e ela se referia a certas pretensões reconciliatórias da época] soam autoritários. (...) A experiência nos diz que, embora haja temporalidades da memória, os relatos nunca terminam (Arfuch, 2013, p. 15, *tradução nossa*)¹⁴.

Leonor considerava ainda que, em relação às memórias, nada poderia ser dado como garantido, sobretudo em um contexto de expansão do neoliberalismo e do fortalecimento das direitas e dos neofascismos. Tratava-se de territórios a serem defendidos, exigindo estratégias que pudessem dar lugar a novas vozes que continuariam se somando à causa. Ela também ressaltava sua preocupação pela *delicadeza* – expressão que tomava emprestada de Barthes –, que supunha “trazer o passado ao presente”, especialmente no caso das memórias traumáticas. Para tanto, advogava por uma escuta “atenta às hesitações, aos sobressaltos, aos silêncios, mas cuidadosa a ponto de não ultrapassar, em nome da ‘boa causa’, os umbrais da privacidade e do pudor” (Arfuch, 2018, p. 78, *tradução nossa*)¹⁵.

Um método rigoroso, mas que se deixa comover

O trabalho analítico de Leonor merece um tópico à parte. Ela não acreditava em uma metodologia única, tal qual uma “receita” pronta. Pelo contrário, seu método era baseado na impressão e na escuta, em deixar-se comover e interpelar pelo objeto de estudo. Isso, porém, não significava um abandono do rigor analítico, apenas uma adaptação a essa vasta “caixa de

adopta allí lo auto/biográfico? ¿De qué manera el relato configura la experiencia? Y ¿cuál es el linde entre testimonio y ficción?” (Arfuch, 2013, p. 14).

¹⁴ No original: “cada relato transforma la vivencia, la dota de otro matiz. Quizá, de otro sentido. Cada relato anota también una diferencia en el devenir del mundo. Inscribe algo que no estaba. Algo que nunca deja de brotar. Por eso las clausuras [y se refería a ciertas pretensiones reconciliatorias de la época] suenan autoritarias. (...) La experiencia dice que si bien hay temporalidades de la memoria los relatos nunca se acaban” (ARFUCH, 2013, p. 15).

¹⁵ No original: “(...) atenta a las vacilaciones, los sobressaltos, los silencios, cuidadosa de no infringir, en aras de ‘la buena causa’ los umbrales de la privacidad y el pudor” (ARFUCH, 2018, p. 78).

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan./abr., 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, nº 1

ferramentas” que recebia contribuições da semiótica, da semiologia, da análise do discurso, da crítica literária e cultural, da psicanálise, da teoria das narrativas, das ciências sociais ou das humanidades, a depender do que requeria o objeto de pesquisa. E, se alguma dessas ferramentas mostrava-se inapropriada, bastava trocá-la.

Leonor sempre se arriscava a explorar novos temas, a propor cruzamentos inesperados e a forçar os limites disciplinares. De fato, foi uma das primeiras a dar espaço em seus trabalhos às memórias do passado recente das filhas e dos filhos “desobedientes”¹⁶, destacando o tremendo desafio ético de escuta – no forte sentido que lhe outorga Derrida¹⁷ – e hospitalidade que essa palavra singular demanda.

Ela acreditava no “rodeio” como método, nesses modos indiretos ou alegóricos de abordar o material sensível do biográfico e das memórias; e selecionava, para tanto, objetos diversos que também faziam do “rodeio” sua forma preferida. Seus *corpora* de análise surpreendiam por sua originalidade: de entrevistas jornalísticas a uma exposição de artes visuais, de certo formato televisivo a fragmentos de uma investigação de campo, de um livro ou filme editado anos antes aos avatares de um blog ou ainda algum acontecimento nas redes sociais... ela lia tudo isto com o mesmo rigor analítico, considerando suas dimensões políticas, estéticas e éticas.

O método Arfuch privilegiava os cruzamentos – os “*in between*”, como ela costumava dizer. Cruzamentos guiados pela agudeza de seu olhar, assim como pelo afeto e pela afetação: entre disciplinas, entre gêneros discursivos, entre objetos de estudo, entre diferentes tipos de interlocutores¹⁸. A hibridez e o fronteiro eram territórios nos quais ela se movia com facilidade. Em suas análises, Leonor enfatizava o diverso e, seguindo Benjamin, mostrava seu amor pelos detalhes. Seu particular modo de trabalho consistia em ir além dos mecanismos usuais da análise do discurso e a enunciação para focar no que ela denominava de *componente narrativo*.

¹⁶ Referimo-nos, aqui, ao coletivo *Histórias desobedientes*, formado em 2017 por filhas e filhos de repressores que repudiavam as ações criminosas de seus pais. Leonor foi uma das primeiras em dar visibilidade a essas pessoas, por meio do artigo *Las otras infancias clandestinas*, publicado por *Anfibia* naquele mesmo ano. O artigo pode ser acessado no link: <https://www.revistaanfibia.com/las-otras-infancias-clandestinas/>.

¹⁷ Segundo ela, trata-se de uma escuta entendida “como tensão, disposição em relação ao outro, que pressupõe tanto a abertura afetiva, a percepção aos detalhes, quanto uma fundamentada curiosidade analítica” (Arfuch, 2018, p. 58). No original: “como tensión, disposición hacia el otro, que supone tanto la apertura afectiva, la percepción de los detalles, como una fundada curiosidad analítica” (Arfuch, 2018, p. 58).

¹⁸ Os olhares e as vozes de acadêmicos, escritores, artistas, jornalistas, vítimas que davam seus testemunhos, poetas e um amplo *et cetera* conviviam na obra de Leonor, sem que nenhum deles ofuscasse ou tivesse maior importância do que os demais.

Como exemplo, em *La vida narrada* ela esboça alguns dos eixos – nunca definidos *a priori*¹⁹ – sobre os quais costumeiramente se detinha. Entre outros aspectos, Leonor indica a importância de os pesquisadores estarem atentos a

como se conta uma história, como se articula a temporalidade na narrativa, qual é o princípio que se postula, como se entrelaçam os múltiplos tempos na memória, como se distribuem os personagens e suas vozes, que aspectos são enfatizados ou não, que causalidades – ou casualidades – sustentam o desenvolvimento da trama e que áreas permanecem em silêncio ou na penumbra (Arfuch, 2018, p. 67, *tradução nossa*)²⁰.

Vida e escrita

Leonor era, além de uma intelectual, uma brilhante escritora. Ela amava escrever e dedicava bastante tempo a seus textos. Sabia brincar magistralmente com a linguagem, criar tramas e entrelaçar fragmentos. Seus escritos são como filigranas, onde nada é deixado ao acaso; ela evitava a repetição à base de um trabalho meticuloso de escolha de cada palavra, de incorporação de metáforas, de mudanças na ordem dos relatos. Dessa maneira, ela conseguia surpreender e evitar clichês. Tinha, além disso, um “toque mágico”, graças ao qual conseguia – trocando algumas palavras, inserindo sinais de pontuação, reordenando orações e parágrafos – que um fragmento reto e sem sal de repente se tornasse interessante e cheio de vitalidade. Bastava que um texto passasse pelas mãos e pelos olhos atentos de Leonor para que uma nova luz irradiasse repentina e inesperadamente.

Quantas vezes eu mesma não voltei a seus livros e artigos em busca dessa magia, desse modo tão sutil e ao mesmo tempo contundente de se expressar com sentimento e razão? Às vezes, seus textos funcionam para mim como uma espécie de *I-Ching*. Se estou perdida em uma análise, releio seus trabalhos e sempre encontro uma frase orientadora, uma pergunta inquietante, uma ponta para começar a desfazer o nó em que me encontro. Seja qual for o tema, é quase certo que Leonor já o antecipou, já o analisou e escreveu maravilhosamente bem sobre ele.

¹⁹ Em entrevista concedida para María Cristina Sarasa em 2012, Arfuch indicou a necessidade de adequar objetivos e metodologia e advertiu claramente que “não há receitas válidas para toda circunstância” (Sarasa, 2012, p. 189, *tradução nossa*). No original: “no hay recetas válidas para toda circunstancia” (Sarasa, 2012, p. 189).

²⁰ No original: “cómo se cuenta una historia, cómo se articula la temporalidad en el relato, cuál es el principio que se postula, cómo se entran los tiempos múltiples en la memoria, cómo se distribuyen los personajes y las voces, qué aspectos se enfatizan o se desdibujan, qué causalidades –o casualidades- sostienen el desarrollo de la trama, qué zonas quedan en silencio o en penumbra” (Arfuch, 2018, p. 67).

A relação com a escrita marcava o dia a dia de Leonor. Se ela estava inspirada, podia passar horas trancada em seu escritório escrevendo; este era um dia feliz para ela. Já quando as palavras lhe escapavam ou os textos não lhe eram gentis, ela se estressava e ficava de mal humor. O particular cuidado que ela tinha com os leitores se manifestava em uma redação atenta à construção de cada frase, à estrutura dos textos, à extensão de cada capítulo. Não entediar, subestimar ou cansar os leitores era sempre uma de suas principais preocupações.

Leonor era também uma grande criadora de títulos. Estes eram precisos e ao mesmo tempo sutis, costumeiramente poéticos. *Pretérito imperfecto. Lecturas críticas del acontecer, Crítica cultural entre política y poética, Pensar este tiempo, espacios, afectos, pertenencias e La vida narrada. Memoria, subjetividad y política* são alguns exemplos de sua extraordinária capacidade de nos convocar a ler usando apenas algumas palavras. Ela tinha a virtude de fazer de cada fim um novo começo. Por isso, tinha o costume de finalizar seus artigos ou livros antecipando inquietações ou dilemas e formulando perguntas – por vezes incômodas – que nos deixavam pensando durante muito tempo. Leonor não tinha medo do futuro e o encarava de frente, com postura desafiadora, sempre enxergando nele alguma possibilidade. No entanto, esse otimismo não a impedia de possuir um olhar crítico, distanciado de qualquer atitude complacente.

Uma intelectual comprometida com seu tempo

Leonor era aguerrida e sabia lutar. Uma língua afiada e uma postura firme, crítica e sempre esperançosa em relação ao futuro eram características suas. Certa vez, durante um tratamento de saúde, ela resolver adotar o cabelo curto e deixar seus grisalhos à vista. Foi uma grande mudança. Lembro-me de quando a vi descendo uma escada com suas calças apertadas e uma camiseta preta larga, o cabelo quase punk, todo branco, e com um sorriso enorme. Eu lhe disse, na ocasião, que ela estava parecendo uma vovó roqueira, uma espécie de Vivienne Westwood argentina, comparação que lhe divertiu bastante. Das situações mais difíceis, Leonor conseguia sair sempre renovada, alegre e com novos projetos em mente.

El espacio biográfico a tornou famosa e permitiu que ela viajasse por muitos países. Mesmo com o passar do tempo, seus postulados seguiam tão atuais que, todos os anos, a convidavam para dar aulas e conferências em diversos lugares. Longe de acomodar-se em suas glórias, Leonor enxergava em cada um desses convites a possibilidade de atualizar suas reflexões, mesclando seus interesses com o *leit motiv* dos encontros ou com algum tema em

voga que chamasse sua atenção e sobre o qual acreditava ser necessário posicionar-se publicamente.

Pela sutileza de sua escrita e a contemporaneidade de suas reflexões, seus trabalhos não apenas não perderam relevância, como, ao contrário disso, parecem esperar-nos a cada nova inflexão. Talvez por isto é que sua obra seja cada vez mais reconhecida em países como Chile, Brasil, México e Espanha e continue abarcando novos horizontes e perspectivas, despertando o interesse não apenas de críticos culturais e semiólogos, mas também de historiadores, antropólogos, educadores, filósofos e artistas. Um exemplo dessas novas recepções são as traduções de vários de seus livros para o inglês, o português e o italiano.

Memoria y Autobiografía. Exploraciones en los límites, por exemplo, foi traduzido para o inglês em 2021 e publicado dentro da coleção *Critical South* do Consórcio Internacional de Teoria Crítica, fundado por Judith Butler – entidade à qual Leonor também era filiada. Leonor se ocupou de cada passo desse processo com a já comentada rigorosidade Arfuch. Desde a escolha da imagem da capa – um sugestivo quadro de Liliana Porter –, passando pelos responsáveis pela tradução – deveria ser alguém que entendesse de poesia de forma a compreender as sutilezas e as inflexões dos idiomas –, até os detalhes da apresentação, da difusão e da circulação do livro. Seu olhar detalhista estava presente em absolutamente tudo. Vê-la em ação era um aprendizado do ser e do fazer intelectual.

Leonor era uma pensadora latino-americana comprometida com seu tempo. Suas análises estavam sempre atravessadas por uma preocupação política, por uma leitura situada do presente e por seus respectivos desafios. Compartilhávamos o interesse – e a inquietação – pelas infâncias e seus futuros, bem como pelos matizes que um olhar que abarcasse as questões de gênero poderia agregar às narrativas memoriais de passados recentes. Em seus últimos trabalhos²¹, ela lidou com o particular cruzamento entre memória, infância e autobiografia, referindo-se, especificamente, às infâncias em tempos de ditaduras.

A preocupação de Leonor com os gêneros discursivos (*genre*) – constante ao longo de toda sua trajetória – encontraria um equivalente em seu singular interesse pelo gênero (*gender*) e as reflexões que, no caso de algumas narrativas, especialmente aquelas que remetiam a memórias traumáticas, esse cruzamento possibilitava. Para ela, certas obras, produzidas por

²¹ Vale lembrar que Leonor havia publicado, em 1997, um trabalho pioneiro para a UNICEF Argentina sobre as formas com que as crônicas policiais criminalizavam as infâncias e juventudes. Trata-se do trabalho *Crímenes y pecados. De los jóvenes en la crónica policial*, disponível no link: https://www.academia.edu/983984/Cr%C3%ADmenes_y_pecados_De_los_j%C3%B3venes_en_la_cr%C3%B3nica_policial.

mulheres, pareciam diferenciar-se pela hibridização dos gêneros – ou, nas palavras de Rêgine Robin, por um “fora de gênero” – e permitiam o desdobramento de uma subjetividade atenta aos detalhes, às pequenas situações cotidianas, aos gestos, aos tons e registros sutis e à reconstrução de cenas íntimas. Obras nas quais, mesmo nas ficções, antevia-se um valor ou um *plus* biográfico dado pela vida e pela experiência, o que produzia um “efeito de proximidade”, verossimilhança e autenticidade.

Leonor tinha consciência do peso de suas intervenções e gestos públicos, bem como da necessidade de defender o espaço da crítica, especialmente em momentos atravessados por grandes polarizações e discursos autoexcludentes. Essa posição questionadora tinha seus custos e produzia opiniões contrárias. Entretanto, afastada de uma necessidade de agradar a quem quer que fosse ou de expressar apenas opiniões politicamente corretas, Leonor deixava bem claro quais eram suas afinidades.

Ao longo de sua carreira, posicionou-se diante de temas que considerou importantes e foi coerente com todos eles: o Juízo às Juntas Militares, o atentado à AMIA²², a crítica ao que se denominou como “show de horrores” do final dos anos 1980²³, os debates a respeito do uso dos espaços memoriais, os vínculos entre arte e feminismo, a preocupação com as infâncias, os exílios de ontem e as migrações de hoje, a defesa das políticas de Memória, Verdade e Justiça diante do avanço do neoliberalismo e dos supostos discursos “reconciliatórios”²⁴, as “histórias desobedientes” etc. Leonor era um espírito livre, jovem, comprometido, sempre alerta.

Contar a vida

Em seu último livro, *La vida narrada. Memoria, subjetividad y política*, publicado em 2018, Leonor novamente se dedicou a estudar vários fenômenos, com o objetivo de identificar os diferentes modos com que as vidas marcadas pelo trauma da última ditadura militar argentina se narravam, bem como “a relação tensa, oscilante e sem garantias” entre memória, subjetividade e política (Arfuch, 2018, p. 9, *tradução nossa*)²⁵. Na publicação, ela analisou

²² Referimo-nos ao atentado contra a *Asociación Mutual Israelita Argentina (AMIA)*, ocorrido em 18 de julho de 1994, no qual morreram 85 pessoas.

²³ Arfuch foi muito crítica do atuar das mídias argentinas em relação ao tema dos desaparecimentos e torturas, já que estas publicaram detalhes perturbadores até chegar a nível insustentáveis de saturação.

²⁴ Muitos deles vinculam-se a uma demanda por uma suposta “memória completa”, que busca equiparar as vítimas “de um lado e de outro”, posição que Leonor criticou duramente em vários de sus textos devido à “perda de rumo ideológico” que isso implicava em relação a certas distinções básicas no campo dos direitos humanos” (Arfuch, 2018, p. 74).

²⁵ No original: “la relación tensa, oscilante y sin garantías” (Arfuch, 2018, p. 9).

algumas narrativas de filhas e filhos de desaparecidos, presos ou exilados. Tratava-se, para ela, de obras que eram verdadeiros “atos autobiográficos” de um luto transformado em palavra, imagem ou forma.

Ela também se dedicou às diferentes maneiras com as quais “as formas artísticas conseguem expressar, por meio de outras linguagens, a dimensão traumática e memorial da vida contemporânea” (Arfuch, 2018, p. 12, *tradução nossa*)²⁶. Como em trabalhos anteriores, sua intenção não era apenas descrever, mas também interpretar e explicar alguns destes fenômenos à luz das principais mudanças ocorridas em nossas sociedades – mudanças estas que mais uma vez se referiam a um particular “clima de época”²⁷ – e estabelecer uma posição ética e política a respeito do assunto em questão.

Leonor entendia essas mudanças – essa “sociedade afetiva”, na qual as mídias eram cada vez mais protagonistas – em cenas e metáforas dominantes e analisava seu impacto na vida democrática e nas possibilidades do dizer e da escuta sociais. Seu olhar também buscava abarcar uma memória pública que, apesar da insistência, “resistia a ser chamada de coletiva” (Arfuch, 2018, p. 11, *tradução nossa*)²⁸. O livro foi traduzido também para o português e o italiano, algo que a orgulhava porque lhe permitia expandir horizontes e alcançar novos leitores. Em seus últimos tempos, Leonor também escreveu literatura. Ela estava produzindo um livro – autoficcional (?) – sobre a história de sua família e a origem libanesa de seu pai e que ficaria como uma espécie de herança para suas netas e netos.

Das transmissões e dos legados

Sua partida ainda nos dói, razão pela qual temos permanecido em silêncio. Todos nós que conhecíamos Leonor ficamos sem saber o que fazer, o que dizer, um pouco órfãos – uma orfandade especial, associada ao tipo de vínculo único que ela proporcionava. É como se sua morte repentina, em outubro de 2021, nos tivesse deixado sem palavras; mas já é chegada a hora de sair dessa letargia e recuperar nossas vozes, ao menos para homenageá-la e reconhecer tudo aquilo que ela nos ensinou.

Nesse sentido, eu me questiono: o que é, afinal, este artigo? Uma lembrança, uma homenagem, um ato público de luto, um chamado à ação ou uma tentativa de fazer justiça à sua

²⁶ No original: “las formas artísticas logran expresar, con otros lenguajes la dimensión traumática y memorial de la vida contemporánea” (Arfuch, 2018, p. 12).

²⁷ Que, como tal, pinta – sutilmente, poderíamos dizer – todas as manifestações do social de um modo que se torna quase invisível.

²⁸ No original: “se resiste a llamarse colectiva” (Arfuch, 2018, p. 11).

vida? Acredito que seja um pouco de cada coisa. Lembrar a vida de Leonor é importante porque ela nos deixou um grande legado e o peso de sua ausência é sentido até mesmo na dificuldade para articular estas palavras públicas, nessa necessidade – tão Arfuch – de respeitar e confiar nos tempos do dizer.

Do ponto de vista intelectual, é provável que sua principal contribuição tenha sido – como indicou Ernesto Laclau no prólogo de *El espacio biográfico* – ajudar a definir um novo horizonte para as ciências sociais e para o campo sociodiscursivo a partir de um desejo de “reconstituição teórica do pensamento social” baseado em um paradigma retórico (Arfuch, 2010, p. 15, *tradução nossa*)²⁹ marcado pela centralidade do narrativo e por um “eu” inerentemente constituído por um “outro”. Nesse sentido, o conjunto da obra de Leonor nos lembra a importância de uma escuta plural, capaz de propor uma voz não monológica, “desinvestida de autoridade unilateral” e que permita ampliar o espaço do dizer, recebendo hospitaleiramente ao outro – aos outros e outras – e às novas vozes.

Pessoalmente, e talvez porque Leonor tenha nos transmitido a certeza de que “a teoria, o pensamento crítico – e também a poesia – são uma ajuda inestimável diante da fraqueza do caminhar, inclusive quando tudo parece estar perdido” (Arfuch, 2018, p. 57, *tradução nossa*)³⁰, é que eu me dispus a navegar por estas águas (auto)biográficas e lembrá-la de uma forma que ela gostaria, de um jeito desafiador, porém acompanhado de um sorriso no rosto; porque Leonor não via a vida de um jeito melancólico, tudo para ela era presente e futuro. Por esta razão é que resolvi falar não sobre o que possa ter ficado pendente, mas sobre tudo aquilo que ela nos deixou como legado: as sutis leituras que sua obra possibilita – e seguirá possibilitando –, as novas memórias que encontrarão abrigo em suas palavras, as múltiplas escutas que seus textos seguirão permitindo. É aí onde seguiremos nos encontrando – ela, eu e nós – envoltos pelo afeto e pela palavra.

Referências

AMATO, Lorena. El espacio Arfuch. *Visitas al Patio*, v. 16, n. 1, p. 16-22, 2022. Disponível em: <https://revistas.unicartagena.edu.co/index.php/visitasalpatio/article/view/3787/3107>. Acesso em: 29 mar. 2024.

ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*. Buenos Aires: Paidós, 1995 [2010].

²⁹ No original: “reconstitución teórica del pensamiento social” (Arfuch, 2010, p. 15).

³⁰ No original: “la teoría, el pensamiento crítico – y también la poesía – son una ayuda invalorable ante la flaqueza del andar, incluso allí donde parece que todo está perdido” (Arfuch, 2018, p. 57).

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan./abr., 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, nº 1

ARFUCH, Leonor. (Org.) *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005 [2016].

ARFUCH, Leonor. *Crítica cultural entre política y poética*. Buenos Aires: FCE, 2008.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico*. Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: FCE, 2010.

ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía. Exploraciones en los límites*. Buenos Aires: FCE, 2013.

ARFUCH, Leonor. *La vida narrada*. Memoria, subjetividad y política. Córdoba: EDUVIM, 2018.

LEVSTEIN, ANA; BOERO, María Soledad. Trazos de la memoria. Sobre La vida narrada: Memoria, subjetividad y política de Leonor Arfuch. *Revista Heterotopías*, v. 1, n. 2, p. 1-6, 2018. Disponible em:

<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/heterotopias/article/view/22653/23220>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SARA, María Cristina. Reflexiones en torno a la creación del espacio biográfico. Entrevista a Leonor Arfuch. **Revista de Educación**, v. 3, n. 4, p. 185-192, 2012. Disponible em: https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/95/158. Acesso em: 29 mar. 2024.